

# humanitas

Vol. LX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. LX



**LATIM E IDEOLOGIA: SOBRE UM PASSO  
DA EPISTOLA AD IGNATIUM DE MORAES  
(VV. 146-147) DE PEDRO SANCHES**

**AMÉRICO DA COSTA RAMALHO**  
Universidade de Coimbra  
classic@fl.uc.pt

**Resumo**

Na «Epistola ad Ignatium de Moraes» de Pedro Sanchez, verso 147, *quidam* deve ser lido em vez de *quidem*. *Quidam* é Erasmo.

**Palavras-chave:** Humanismo, André de Resende, Erasmo, Pedro Sanches, Aires Barbosa.

**Abstract**

In «Epistola ad Ignatium de Moraes», by Pedro Sanchez, l. 147, *quidam* should be read instead of *quidem*. Some comments on the opinions of contemporary Portuguese humanists about Erasmus are added.

**Keywords:** Humanism, André de Resende, Erasmus, Pedro Sanches, Aires Barbosa.

Na recensão do livro de Elisabeth Feist Hirsch, *Damião de Góis, The life and thought of a Portuguese humanist 1502-1574*, The Hague, Martinus Nijhoff, 1967, publicada em *Humanitas XIX-XX* (1967-1968), e depois reimpressa em *Estudos sobre o século XVI*, Lisboa, INCM, <sup>2</sup>1983, escrevi:

“...a Autora declara que André de Resende não foi influenciado pelas opiniões do seu mestre de Salamanca, Aires Barbosa, a respeito de Erasmo.

Mas quem nos garante que Barbosa foi sempre contrário ao humanista de Roterdão?”

E seguidamente, citava eu os versos do *Encomium Erasmi* de André de Resende em que Aires Barbosa é incluído entre os discípulos de Erasmo, em 1531. Fazem parte do número dos admiradores do humanista de Roterdão, o rei D. João III e o cardeal D. Afonso, seu irmão. E são mencionados como seus discípulos, D. Miguel da Silva, Aires Barbosa, Francisco de Melo e Luís Teixeira.

Aires Barbosa é especialmente louvado pela introdução do Grego na Península Ibérica.

O *excursus* sobre os admiradores e discípulos portugueses de Erasmo abre com os conhecidos versos<sup>1</sup> em que Resende emprega pela primeira vez a palavra *Lusiadae*, de sua invenção, para designar os Portugueses. O novo termo será repetidamente usado pelos poetas novilatinos e servirá de título, em 1572, ao poema épico de Camões.

Escreve Resende:

Inclyte Erasme,  
Non tibi Lusiadae infensi. Te noster adorat  
Diuus Ioannes fraterque Alphonsus et ipsam  
Effigiem certe miro uenerantur amore  
Et uoluunt studio libros auroque decorant:

“Glorioso Erasmo, os descendentes de Luso não são teus inimigos. Adora-te o nosso divino<sup>2</sup> João e seu irmão Afonso, e veneram, sem dúvida, o teu retrato com extraordinária simpatia e folheiam com interesse os teus livros e mandam-nos dourar”.

Quanto a Aires Barbosa que, no presente artigo, especialmente nos interessa, se ainda era admirador e discípulo de Erasmo em 1531, mudou já de ideias em 1536, quando publica em Coimbra o poema *Antimoria* contra o *Encomium Moriae* (em latim, *Laus Stultitiae*) ou “Elogio da Loucura” do roterdamês.

---

<sup>1</sup> Cf. Odette Sauvage, *L'itinéraire Érasmien d'André de Resende (1500-1573)*. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1971, p. 60 (verso 206 e seguintes).

<sup>2</sup> *Diuus*, qualificativo honorífico dos imperadores romanos, honrados com a “apoteose”, e no Renascimento, usado para elogiar os soberanos.

Os ventos tinham mudado a respeito de Erasmo (m.11.7.1536) na corte portuguesa e Aires Barbosa seguiu a vaga dominante. Não foi só ele. Outros mudaram também<sup>3</sup>.

Quem ler o poema “De Superstitionibus Abrantinorum”, de que tratei em duas ocasiões<sup>4</sup>, não pode ter dúvidas sobre as tendências erasmistas de Pedro Sanches, secretário do Desembargo do Paço nos reinados de D. João III e de D. Sebastião. E, todavia, na sua “Epistola ad Ignatium de Moraes”, só publicada no século XVIII no *Corpus Illustrium Poetaram Lusitanorum qui Latine scripserunt*, do Pe. António dos Reis, vol. I, Lisboa, 1745, Aires Barbosa, um dos sessenta poetas novilatinos referidos por Pedro Sanches, é assim caracterizado:

Nec sonat illepide prauam qui damnat Arius  
Stultitiam, quam quidam olim laudauit inepte.  
(vv. 146-147)

A primeira vez que citei estes versos<sup>5</sup>, li no segundo *quidem*, em vez de *quidam* e traduzi: “E não soa desgracioso Aires, quando condena a errada *Stultitia*, ele que antes a louvara insensatamente.”

Vim, posteriormente, a verificar que o texto do *Corpus* apresenta a lição *quidam*, e que esta é a lição correcta, por duas razões: 1) é a única que está metricamente certa, pois na posição que a palavra ocupa no verso, a sílaba inicial tem que ser longa (*quidam* e não *quidem*); 2) é a lição comum ao texto impresso e aos dois manuscritos, a saber, um do século XVI (MS. F.G.6368 da Biblioteca Nacional de Lisboa) e o da *Bibliotheca Lusitana* de João Franco Barreto, manuscrito do século XVII em fotocópia na mesma biblioteca.

---

<sup>3</sup> Por exemplo, o médico António Luís tentou, aliás sem êxito, provar que Erasmo não sabia Grego. Cf. A. Costa Ramalho, “António Luís, corrector de Erasmo”, *Para a História do Humanismo em Portugal*, III. Lisboa, INCM, 1998, pp. 81-90. Sobre André de Resende, cf. *ibidem*, pp.77-79.

<sup>4</sup> Nos livros *Estudos sobre o século XVI* (Lisboa, 1983) e *Para a História do Humanismo em Portugal*, III (Lisboa, 1998).

<sup>5</sup> No artigo sobre Aires Barbosa, no *Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*, dirigido por João José Cochofel, Lisboa, Iniciativas Editoriais, s.d., vol. I, pp. 593-595. Ver ainda o capítulo “Erasmo em Portugal no século XVI”, *Para a História do Humanismo em Portugal*, cit., pp. 71-80. Sobre Aires Barbosa, ver especialmente a p. 75.

Portanto, a tradução deve ser: “E não soa desgracioso Aires, quando condena a errada *Loucura* que alguém outrora louvou insensatamente.”

Deste modo, Barbosa é *non illepidus*. Erasmo torna-se *ineptus*. Ora, quem ler o poema do português, e o diálogo do rotterdamês, verificará o contrário, isto é, que o primeiro é *illepidus* e o segundo *non ineptus*.

O sentido das conveniências, aliado à preocupação com a segurança pessoal, impunha aos “bem-pensantes” (*recte sentientibus*) a distorsão da verdade.

N.B. – Este artigo foi enviado, há anos, para uma colectânea de *Estudos em memória do Prof. Doutor Mário de Albuquerque*. Como a colectânea não saiu até ao presente, enviei-o para a *Humanitas*. Ninguém se admire, por isso, de que venha a aparecer na referida colectânea.